

PORTUGAL/ITÁLIA: RELAÇÕES CULTURAIS DE EXCELÊNCIA

AIRES A. NASCIMENTO*

1. HÁ POUCO MAIS DE DUAS SEMANAS, alguma imprensa portuguesa alvoroçou o público com a pretensa descoberta de um quadro de Tintoretto que teria passado despercebido aos historiadores de arte. A novidade só o era porque tinha havido recato por parte dos seus antigos proprietários e também porque discreta fora a entrega da peça ao Mosteiro beneditino de Singeverga, em Santo Tirso, onde se encontra agora, desde 6 de Janeiro de 2005. De facto, o alvoroço jornalístico não se justificava, mas trazia-nos, uma vez mais, perante uma realidade: a arte italiana, altamente representada nas colecções portuguesas, às vezes passa despercebida do grande público ou até de personalidades académicas, mas habitualmente é objecto de justificado apreço na tradição das famílias que, em momentos escolhidos, sabem entregar as suas peças a entidades que possam prolongar a atenção que eles próprios lhes dedicam.

* Professor da Faculdade de Letras de Lisboa, Director do Centro de Estudos Clássicos e da revista *Euphrosye* do mesmo Centro, Director de Projectos Científicos nas áreas de Filologia e Literatura Latina Medieval e Renascentista, alguns deles em colaboração com instituições estrangeiras, autor de diversas monografias e estudos nestas mesmas áreas. Pertence a várias Academias nacionais e estrangeiras. Introduziu em Portugal os estudos de Filologia Latina Medieval, de Codicologia, Tratamento informático de Textos. Agradecemos à Prof.^a Rita Marnoto a gentileza da oportunidade de levar mais longe o eco das nossas palavras.

Vale este episódio como expressão do interesse com que sempre são seguidas notícias respeitantes às relações de cultura entre Portugal e Itália. É certo que por vezes houve intermediários (não está fora de questão que possam ter sido do país vizinho – a Catalunha e o Reino da Sicília eram pontos de ligação privilegiados), mas isso apenas coloca a dimensão verdadeiramente europeia da arte italiana que, em muitos casos, se adiantou a outros países e soube servir de charneira com pontos laterais do continente ou de cadinho de tendências que para ela confluíram. Não constitui caso único que o quadro da *Adoração dos Magos* não tenha uma história totalmente documentada, depois das últimas referências a ele feitas nas memórias da igreja do Santo Spirito, de Veneza, desaparecida na sequência de terramoto no século XVIII. Malgrado as circunstâncias e as vicissitudes, serve para documentar um património excepcional e constitui testemunho de laços que se estreitaram ao longo dos tempos entre dois países da comunidade latina em que Itália é a *fada madrinha* de muitos outros momentos de arte, de graça e de esplendor.

2. Seria sumamente grato recordar gestos e momentos que se distribuem por séculos, desde a fundação da nacionalidade portuguesa, e nos quais se estreitaram as relações culturais entre os nossos dois países. Um quadro dessas relações foi traçado, há alguns anos, para o âmbito literário, por um académico conhecido¹. Os registos que houvesse acrescentar só viriam confirmar com dados mais concretos e, nalguns casos mais sólidos, o que ali se apresenta. A história de arte regista o pintor Álvaro Pires como tendo sido um dos primeiros portugueses a deixar obra em Pisa, Volterra e Florença entre 1411 e 1434; Francisco de Holanda, privou

¹ G. Carlo Rossi, *A literatura italiana e as literaturas de língua portuguesa*, Porto, Telos, 1973.

com artistas italianos entre 1538 e 1547 e até as rainhas portuguesas não deixaram de encomendar tintas para os pintores em Portugal².

Na ordem dos factos, desde muito cedo, a Itália ficou na memória das gentes portuguesas, pois daí veio a primeira rainha, Mafalda, filha do Amadeu III Conde de Sabóia, para casar com o rei D. Afonso Henriques, em 1146. Logo de seguida (ainda que sem relação de causa e efeitos), os engenheiros de Pisa demonstraram os seus conhecimentos de estratégia militar no cerco de Lisboa, em 1147, integrados entre os cruzados que seguiam para a Terra Santa. Não muito tempo depois, António (que em Lisboa fora baptizado como Fernando, mas em Coimbra toma outro nome ao entrar como franciscano no pequeno convento de Santo Antão dos Olivais – não se deixe de reconhecer a homonímia, que será desfeita por influência italiana) tem em Itália a sua pátria de destino no longínquo início do séc. XIII, mas nunca isso teria acontecido se, antes, não tivessem sido os Filhos de S. Francisco a escolher Portugal como residência e ponto de passagem para alcançarem as terras do Norte de África e se os corpos dos seus primeiros Mártires não tivessem sido resgatados em Marrocos e trazidos até Santa Cruz de Coimbra, por um fidalgo português, que aí andava homiziado. Anos mais tarde, são muitos os nossos compatriotas que se deslocam a Itália, em demanda de estudos nas Universidades que se haviam adiantado na organização de saberes, desde

² Embora não se deva esquecer a parte importante que pertence à Flandres nas tapeçarias e Livros de Horas que eram encomendadas pelos membros da família real no decurso do século XVI, a via italiana é mais antiga e mais diversificada. Cf. B. Lavagnino, *L'opera del genio italiano all'estero: gli artisti italiani in Portogallo*, Roma, 1940; Pedro Dias, *A importação de esculturas de Itália nos séculos XV e XVI*, Lisboa, 1987; J. O. Caetano, "Ao modo de Itália: a pintura portuguesa na Idade do Humanismo", in *A pintura maneirista em Portugal: Arte no tempo de Camões*, Lisboa, 1995, pp. 90-105; K. J. P. Lowe, *Cultural Links between Portugal and Italy in the Renaissance*, Oxford, 2000, pp. 265-293.

esse mesmo longínquo séc. XIII; alguns aí se fixaram e deram o seu contributo para a ciência ou regressaram às suas terras, onde fizeram frutificar quanto tinham recebido. É com a formação recebida em Bolonha que o Dr. João das Regras assegura argumentos para ultrapassar dúvidas na sucessão do Mestre de Avis no trono de Portugal e são os pilotos italianos, algum tempo depois, que dão apoio às navegações iniciadas pelo Infante Navegador, ao mesmo tempo que os letrados se sentem atraídos pelos novos saberes humanísticos que despontam em Itália³.

Ao longo dos tempos, há um vai-e-vem permanente entre os dois países. E não será por isso de admirar que um arauto português, que prepara a embaixada do rei português ao Concílio de Constança, em 1416, dedique uma parte substancial da seu livro *De ministerio armorum* a descrever as regiões de Itália, de que faz um elogio cimeiro como primeira parte da Europa. “Agora, diz, para ser bem, iniciarei a minha exposição por tratar da Itália, em razão das coisas eminentes, excelentes e divinas que nela houve e continua a haver nos dias que correm, coisas que convém saber relativamente à Igreja e ao Império, até porque nela está a cabeça e o pilar da fé cristã a que preside na cidade de Roma, onde está também a sua sede própria, o Sumo Pontífice e o Sacro Colégio dos Cardeais, entre outras coisas”. Se Roma ocupa vários fólios do manuscrito, com uma minúcia de antigas recordações de peregrinos (nos *Mirabilia Romana*), as regiões

³ Uma pequena memória escrita por Fr. Fortunato de S. Boaventura, “Literatos portugueses na Itália ou Coleção de subsídios para se escrever a História Literária de Portugal”, foi dada a público por António de Portugal e Faria, *Portugal e Itália: ensaio de dicionário bibliographico*, Leorne, Typ. Raphael Giusti, 1898-1926 (Coimbra, Fac. Letras, JC 18-2-36; Lisboa, Gulbenkian, RS 10250); *Elenco de manuscritos portugueses ou referentes a Portugal existentes nas Bibliothecas de Italia, precedido de um supplemento geral ao “Ensaio de Dictionario Bibliographico”*/Antonio de Portugal de Faria, Leorne, 1898 (JC 18-2-32/33; BN B. 816 V, B. 817 V, RS 5226; CAM. 160 V).

italianas sucedem-se logo depois, numa visão, ora panorâmica ora pormenorizada, de cidades e de territórios, com enumeração de gentes e produções ou monumentos mais característicos, além da respectiva nobreza: província de Campânia e Marítima, Ducado de Espoleto com a província da Sabínia, os Abruzos, Património, Toscana; à parte, vem o Reino da Sicília, em associação com o Reino de Aragão e para final fica o Ducado da Sabóia. Não nos vamos demorar no seu texto que demos a conhecer em edição de trabalho para provas académicas de doutoramento⁴, mas ele revela bem como o conhecimento minucioso e o apreço pelas terras itálicas ocupava a memória e o coração dos nobres e dos seus servidores, nomeadamente dos arautos que os representavam e acompanhavam nas suas deslocações ou lhes forneciam notícias.

Os séculos XV e XVI são tempos de intenso convívio entre portugueses e italianos. Os concílios são ocasião para esses encontros, mas também a organização da Cúria e dos seus serviços (após o exílio dos papas em Avinhão) leva a uma familiaridade intensa entre representantes dos dois países. Muitas personalidades se deslocaram de Portugal a terras transalpinas e muitos italianos assentaram as suas actividades bancárias em Portugal ou se incorporaram em actividades marítimas e económicas (aceitando a experiência oceânica do novo país como uma abertura ao mundo e fazendo de Lisboa um lugar em que as identidades citadinas italianas perdiam as tensões de origem); alguns dos melhores humanistas (como Poliziano) tiveram grupos de alunos portugueses (às vezes quase em exclusividade) a frequentar os seus cursos e ganharam a confiança dos reis portugueses para divulgarem as suas gestas (como Mateus Pisano) ou se ofereceram para tal efeito (como aconteceu com Poliziano).

⁴ Aires A. Nascimento, *Livro de Arautos/De Ministerio Armorum*, Lisboa, 1977.

3. Desde cedo os nossos estudantes se deslocaram a Bolonha e a Florença e foram intermediários de uma cultura que se desenvolveu com maior rapidez em Itália e teve repercussões nos diversos países da Europa. As relações (tensas é verdade) de Leonardo Bruni Aretino com Alfonso de Cartagena sobre leituras da *Ética* de Aristóteles e sobre problemas de tradução, possivelmente nunca teriam tido o relevo a que chegaram se não tivessem sido os estudantes portugueses que anteciparam a chegada dos trabalhos de Leonardo e os deram a conhecer em Lisboa, ao tempo em que o diplomata castelhano se demorava aqui em negociações de paz, por 1425⁵.

É impressionante, por outro lado, o entusiasmo romano à gesta dos marinheiros portugueses no séc. XV. Registamos como extremamente lisonjeira a carta que, por 1448, Poggio Bracciolini dirige ao Infante D. Henrique, pois os termos com que o faz antecipam tópicos laudatórios de superação dos feitos antigos que ao tempo não podiam deixar de impressionar quem era objecto de semelhante elogio. Independentemente do facto de ser um çurial romano a escrever e de sabermos quanta importância tinha sido atribuída pelo papa de Roma à acção dos portugueses no norte de África, não é para nós de pouco interesse atender à referência que o notário papal faz ao convívio com os portugueses que demandavam a Itália para fazerem a sua formação intelectual⁶.

Bolonha era o centro principal, devido à importância que o ensino do Direito aí assumira; de facto, no Colégio de S. Clemente, o cardeal Alborno, por motivos que o associavam à sé de Lisboa, havia garantido alguns lugares

⁵ Cf. Aires A. Nascimento, "Traduzir, verbo medieval: as lições de Bruni Aretino e Alonso de Cartagena", *Actas – II Congreso Hispánico de Latín Medieval* (León, 11-14 Noviembre de 1997), León, 1998, vol. I, pp. 133-156.

⁶ Aires A. Nascimento, *O Diálogo de André do Prado com o Infante D. Henrique: o Horologium fidei* (Apêndice: André do Prado, *Horologium fidei* – Prefácio; Poggio Bracciolini, *Carta ao Infante D. Henrique, Duque de Viseu*), Viseu, Câmara Municipal, 1994.

permanentes para o acolhimento a estudantes portugueses. Também outras cidades italianas foram pátria de destino de portugueses: Roma, Florença, Ferrara, Génova, Veneza, por um motivo ou por outro, tornaram-se ponto de chegada para quem buscava formação, primeiro, ou, depois, ponto de passagem para outras terras (por exemplo, ao tempo da expulsão dos judeus do território português – o melhor testemunho de efeito positivo nesse enquadramento é certamente a célebre Bíblia de Ferrara, em que colaboraram judeus de ascendência portuguesa, como foi Duarte Pinhel).

Tudo isso foi a seu tempo posto em relevo por estudos qualificados e não é aqui ocasião para nos determos em personalidades como João Teixeira (chanceler do reino) e de seus filhos ou outros, entre os quais Henrique Caiado e Damião de Góis (para não referirmos os eclesiásticos, que rumavam a Roma para servirem na Cúria e em Roma deixariam nome e haveres, como aconteceu com Aquiles Estação, cuja biblioteca erudita foi legada à Congregação do Oratório de S. Filipe de Néri e constituiu o primeiro grande fundo da biblioteca Valliceliana).

4. Mais que evocar o passado, obriga-me o ritual de hoje a ocupar-me de tempos recentes, como testemunha e parte interessada num percurso de renovação de estudos, numa colaboração, a todos os títulos grata e profícua, com investigadores italianos.

Guardo memórias de Giacinto Manupella e de outros que, na Faculdade de Letras de Lisboa, foram a face visível de conhecimento activo e renovado de uma cultura irmã no âmbito das Literaturas Românicas e permito-me recordar as figuras dos que mais directamente contribuíram para o seu ensino e já se retiraram, como foram José Vitorino de Pina Martins e José da Costa Miranda (um e outro com inícios de vida universitária em meios italianos e depois portugueses). Apraz-me recordar que o primeiro Mestrado que houve

na Faculdade de Letras de Lisboa em Literaturas Comparadas se deveu à colaboração generosa do Prof. Costa Miranda que, a meu pedido e sob minha proposta, aceitou a integrar o corpo docente do Mestrado em Literaturas Clássicas, na variante de Literatura Comparada. Efectivamente, não podia imaginar que o estudo da Tradição Clássica pudesse ser feito sem ter em conta uma literatura tão significativa e tão influente como a Literatura Italiana.

Ao longo de anos foi-me dado acompanhar intercâmbios nos domínios literários e verificar como a colaboração entre Universidades italianas e portuguesas ganhava com interesses comuns que se iam estruturando e como da amizade iam surgindo projectos de trabalho resultantes de sinergias desenvolvidas em comum. Personalidades como Luciana Stegagno Picchio, Aurelio Rocaglia, Anna Ferrari, Giuseppe Tavani, Giulia Lanciani (para citar apenas aqueles com quem privei mais de perto e me permitiram alargar conhecimentos), foram decisivos em momentos de reestruturação de cursos e de definição de conteúdos em âmbitos diversos – da filologia, propriamente dita, à literatura e à cultura dos textos. Não me alongo por outros domínios, para não cair em derivas, mas, recordando figuras que me serviram de apoio na minha própria formação, não posso deixar de aludir a quanto os estudos historiográficos de Virgínia Rau e de Eduardo Borges Nunes devem a investigações em Itália; lembrando Orlando Ribeiro, o geógrafo do Mediterrâneo, deverei referir os seus contactos com Gaetano Ferro, que ele um dia apresentou ao claustro universitário para doutoramento *honoris causa*; com Itália desenvolveu contactos privilegiados Francisco de Gama Caeiro para o estudo da obra de Santo António (o santo comum às duas pátrias) e a essa figura voltámos, para em uníssono com a cidade de Pádua, servirmos de embaixadores das universidades de Portugal e celebrarmos a sua figura, no 8.º Centenário do seu nascimento em 1995.

Sem fazer relatório, mesmo que sumário, de actividades partilhadas, ou desencadeadas mais autonomamente, reportar-me-ei a algumas na área das Letras. Assim, as que tiveram por objecto o estudo do *Cancioneiro* Colloci-Brancutti (que, a seu tempo, fora adquirido para a Biblioteca Nacional), estudo feito por Ana Ferrari e Elsa Gonçalves, bem como o projecto programado por Giuseppe Tavani e Giulia Lanciani que conduziu ao *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, com a colaboração de mais de duas dezenas de colaboradores, de diversas origens, e teve a sua 1.ª edição em 1993 (entre os colaboradores tenho a honra de me incluir, por insistência e amabilidade dos seus organizadores). As edições de textos portugueses medievais que tiveram lugar nesse enquadramento devem ser apontadas como fruto de uma cooperação que contribuiu para dar passos em frente num domínio cuja actualização se tornava necessária.

Como resultado de uma especialização indispensável, o quadro universitário da Literatura Italiana ganhou novos enquadramentos e a Literatura Portuguesa beneficiou da sintonia estabelecida com o mundo da filologia italiana que desde fins do séc. XIX não havia esquecido os testemunhos da lírica portuguesa medieval que tinham entrado nas suas bibliotecas (tendo a figura de Colocci sido fundamental para a preservação de um testemunho do maior valor e ficando em jogo a identificação de intermediários que o nome de *quel da Ribera* de algum modo esconde, mas os estudos de Elsa Gonçalves repuseram no que é possível entrever e documentar: a personagem seria António Ribeiro, camareiro do Papa e familiar de D. Miguel da Silva, em Roma; por este se teria aberto o interesse pela poesia portuguesa por parte de Ângelo Colocci).

As celebrações centenárias são sempre ocasião para revistar posições anteriores e foi assim que também nos interrogámos sobre situações várias que giravam em torno de

Petrarca (o primeiro moderno dos tempos novos – como Pina Martins o designou) e da sua obra: se concluíamos que é inverosímil que um membro da família Sá (especificamente Rodrigo Eanes de Sá – um parente afastado de Francisco de Sá de Miranda) tivesse assistido à coroação do poeta no Capitólio, em 1341 (já que o seu casamento com uma senhora da família Colonna apenas teve lugar trinta anos mais tarde, em 1370), esta mesma circunstância não invalidava que o nosso compatriota, entrado no seio de tão distinta família, tivesse ainda conhecido pessoalmente o poeta dos *Triumph*.

O VII centenário do nascimento de Petrarca permitiu fazer o ponto de situação quanto a desenvolvimentos recentes na recepção do humanista nos nossos meios⁷ e deu origem a um outro volume de *Euphrosyne*, realizado em colaboração com diversas personalidades italianas. Tivemos o privilégio de nesse mesmo enquadramento estudar um manuscrito de origem italiana com o *Canzoniere* e os *Triumph* que estava guardado na Col. Calouste Gulbenkian: nesse estudo (publicado em *Cultura Neolatina* (Roma), 64, 2004, fasc. 3-4, pp. 325-410) pudemos concluir da importância deste testemunho no plano textual, ultrapassando assim a dimensão estética que, em tempos havia interessado uma investigadora tão perspicaz como Annarosa Garzelli, sem que lhe tivesse sido possível localizá-lo e analisá-lo directamente; neste aspecto, tornou-se-nos manifesto que a iluminura pertencia ao círculo de Francesco Antonio del Chierico; investigámos a sua história através dos brasões que estão representados no códice; quanto ao texto, chegámos à conclusão de que há razões para o considerarmos como representante de um momento de ordenação do *Canzoniere* por parte do próprio autor, momento situado quase no final da vida, mas ainda

⁷ Como assinalou uma crónica de Rita Marnoto, *Estudos Italianos em Portugal*, 1, 2006, pp. 129-138.

anterior à ordenação que o testemunho do Vaticano apresenta como correspondendo ao último arranjo deixado pelo humanista. Por outro lado, revendo anteriores posições, pudemos igualmente restituir ao seu verdadeiro autor uma forma de recepção do *De remediis utriusque fortunae* no interior de um códice alcobacense (Alc. 71, fls. 41v-90v): não se trata da obra do florentino, mas de um texto que testemunha a recepção daquela obra por parte de um dos pais do renascimento humanista alemão, Albrecht/Alberto von Eyb (1420-1475).

O centenário dos humanistas Poliziano, Pico e Bárbaro, em 1998, celebrámo-lo, de forma singela, mas empenhada, com três sessões de Seminário na Faculdade de Letras; os textos aí apresentados foram trazidos a lume na nossa revista *Euphrosyne*.

O Humanismo Renascentista italiano com suas influências em Portugal teve em José Vitorino de Pina Martins, distinto professor da Faculdade de Letras de Lisboa, um estudioso e um intérprete de largos recursos. Para um estudo sistemático da produção latina feita por portugueses nesse período, procurámos constituir um *Index Auctorum Operumque*⁸.

Tem esta obra tido preferências por parte da SISMEL, Florença, a que nos honramos de pertencer. No estudo do Humanismo Renascentista, foi-nos dado discutir a sua diversidade em colóquio coordenado pela Accademia Nazionale Virgiliana de Mantova⁹.

⁸ *HISLAMP* (*Hispanorum Index Scriptorum Latinorum Medii Posteriorisque Aevi*) – Autores Latinos Peninsulares da época dos Descobrimentos (1350-1560), Lisboa, 1993.

⁹ Aires A. Nascimento, “Le Latin à l’époque de l’humanisme au Portugal: données de situation et suggestions pour une étude d’ensemble”, in *Il Latino nell’età dell’Umanesimo* – Atti del Convegno: Mantova, 26-27 ottobre 2001 – Accademia Nazionale Virgiliana di Scienze, Lettere e Arti, a cura di Giorgio Bernardi Perini, Firenze, Leo Olschki, 2004, pp. 97-108.

5. Nas últimas décadas, a cooperação com instituições universitárias italianas tomou a pouco e pouco consistência orgânica, no reconhecimento de que uma cultura comum deve ser estudada em conjunto por todos os que se revêem na sua tradição e sentem responsabilidade por ela frente às gerações futuras. Vários foram os momentos e as instituições que, através dos seus directos responsáveis nos permitiram integrar equipas de trabalho e, por outro lado, acederam a integrar projectos que nós lhes apresentávamos.

Recuando no tempo, sem estabelecer hierarquias, mas também sem nivelar o que deve ser marcado pela continuidade que se revela em elementos factuais, não resisto a alguns apontamentos que permitem traçar uma colaboração continuada e sistemática.

Vem à cabeça o Istituto di Linguistica Computazionale de Pisa, cuja figura cimeira por todos recordada, António Zampolli, representa para nós um exemplo de dedicação à ciência e à vida universitária, ao mesmo que de amizade numa corresponsabilidade a todos os títulos singular: a sua figura recorto-a ainda nos dias em que em Lovaina (a antiga Leuven) visitou o CETEDOC (Centre de Traitement Electronique des Documents) e o pude saudar num convívio singelo com os outros investigadores; alguns anos mais tarde, em 1983, haveria de encontrá-lo em Pisa, em Colóquio dedicado à Lexicografia informatizada – colóquio esse em que me foi dado conhecer personalidades como Nino Marinone e Tullio Gregory (que aqui tenho o prazer de saudar agora na nossa cidade de Lisboa). Em António Zampolli encontrámos, depois, um colaborador e um amigo – que não temeu dar-nos a confiança para encetarmos uma colaboração que se alongou por várias fases (tantas quantas as necessárias para não nos atrasarmos no aproveitamos das possibilidades que a via informática ia abrindo); ao atingirmos dez anos de colaboração mais formal, havíamos programado dedicar um volume da nossa revista *Euphrosyne* à Nova Filo-

logia da era informática e com ele tive a honra de desenhar o conteúdo desse volume e apontar os colaboradores que o deviam preparar e subscrever; surpreendeu-nos a meio desse trabalho a notícia da sua morte, pelo que aquilo que havíamos pensado como homenagem a todos os títulos excepcional se converteu num *In Memoriam* muito sentido, em que a personalidade do P. Roberto Busa nos ultrapassava a todos em jovialidade e carinho por um discípulo que se tornara digno do mestre¹⁰. Não esquecemos as lições de A. Zampolli e com os seus colaboradores mais imediatos, nas pessoas de Andrea Bozzi e Giuseppe Cappelli, temos tido dois companheiros de trabalho extremadamente competentes e generosos para continuar na direcção que António Zampolli nos havia apontado. Foi essa a razão por que aceitámos participar no Colóquio consagrado a *Tecnologia Digital e Disciplinas Filológicas*, onde Zampolli devia estar também¹¹.

A colaboração institucional entre o Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Lisboa e o Istituto di Linguistica Computazionale de Pisa, através dos acordos de cooperação cultural, sob a égide do CNR-Itália e GRICES-Portugal, tem quase década e meia de trabalho efectivo na constituição de programas de tratamento informatizado de texto com valências científicas de tratamento do património textual latino e de incidências didácticas: temos hoje um instrumento informático, LECTIO, que permite trabalhar textos de complexidade larga, como são os dos documentos medievais, em que a poligrafia e a variedade lexical obrigam a redobradas atenções; esperamos que num futuro próximo,

¹⁰ *Euphrosyne*, 32, 2004.

¹¹ Aires A. Nascimento, "Un champ de travail ouvert pour des applications informatiques: la documentation latine", in *Digital Technology and Philological Disciplines* (= *Linguistica Computazionale*, vol. XX-XXI), edited by Andrea Bozzi, Laura Cignoni, Jean-Louis Lebrave, Pisa, Istituti Editoriali e Poligrafici Internazionali, 2004, pp. 373-396.

mediante uma plataforma informática de Internet, seja possível colocar em acesso directo este instrumento de trabalho. Da apresentação deste instrumento, que culmina fases significativas de trabalho, se ocuparão, nesta mesma jornada, os seus autores mais directos: Paulo F. Alberto, Andrea Bozzi, Giuseppe Cappelli, a quem temos acompanhado na constituição de objectivos e no desenho de funcionalidades.

Alargando o âmbito dos nossos contactos, justo é mencionar a Universidade de Bari como ponto de apoio para outros contactos e colaborações. Aí temos tido na personalidade de Paolo Fedeli um intérprete de excelência no percurso comum de estudo das línguas clássicas e de aprofundamento de uma tradição que se prolonga pelas línguas e culturas modernas. Com os seus colaboradores e colegas de instituição universitária temos promovido iniciativas que se têm materializado em colóquios, edições de textos clássicos, assistência científica especializada, acolhimento de investigadores, colaboração programada em volumes temáticos de *Euphrosyne*. Como reconhecimento dessa colaboração tivemos o grato prazer de propor e acompanhar a colação do grau de *Doctor Honoris Causa* pela Faculdade de Letras de Lisboa a Paolo Fedeli, acto a que se associou a sua Universidade de origem, em legação presidida pelo próprio Reitor.

Com a Universidade de Perugia, através de Carlo Santini, desenvolvemos iniciativas similares, no âmbito de uma colaboração que começou no interior do BIDLA (Bureau International pour la Didactique des Langues Anciennes) e se prolongou por várias modalidades de trabalho: por seu intermédio, pudemos ter o apoio da Accademia Internazionale Properziana del Subasio, em Assis, para a publicação de uma tradução integral de Propércio, usufruindo também da disponibilização do texto crítico preparado por Paolo Fedeli. A convite do mesmo professor, integrámos e apoiámos o Projecto ULISSE, para a Didáctica das Línguas Clássicas no

Espaço Europeu e com ele e com a anuência do ILC de Pisa planeámos uma extensão do projecto LECTIO para exploração conjunta de valências de interesse mútuo¹².

Neste plano de colaborações, é grato recordar também outras acções que se foram articulando ao longo de anos com as universidades italianas na área que cultivamos mais especificamente, que é a dos estudos clássicos. Em boa hora havíamos conhecido a Francesco Della Corte que, desde sempre, com *Euphrosyne* (desde 1957) e com o Centro de Estudos Clássicos (desde 1967), na pessoa do seu fundador, Francisco Rebelo Gonçalves, manteve uma colaboração generosa e empenhada. Foi uma honra para nós termos podido corresponder a colaboração por ele solicitada para a *Enciclopedia Virgiliana* (com artigo sobre “Nicola Trevet”, comentador inglês das Bucólicas de Vergílio); distinção grande foi termos, mais tarde, sido convidados para estarmos presente na homenagem que lhe foi prestada em Colóquio na Universidade de Génova, ao perfazerem-se 10 anos sobre a sua morte (o cumprimento afectuoso de sua esposa foi para nós momento da maior emoção). Recordámos então Francesco Della Corte com um estudo que procurava dar seguimento a reflexões suas sobre o classicismo de Camões¹³.

Não podemos deixar de ter em conta duas personalidades que nesse meio genovês prolongam a sua actividade universitária – Ferruccio Bertini e Silvana Rocca. Na mesma Uni-

¹² Aires A. Nascimento, “Leitura necessária: os clássicos para uma consciência da longa duração”, http://www.ulisseweb.eu/pdf/perugia_convention_2006/Aires_Nascimento.pdf; “Do Mediterrâneo ao Atlântico: os erros de Ulisses até Olisipona, no Ocidente”, http://www.ulisseweb.eu/pdf/malta_convention_2006/Aires_Nascimento.pdf; “‘Musa insegnami il canto...’: Echi e presenza dell’Antichità Classica nella moderna poesia portoghese”, *Aufidus*, 19, n.º 55, Aprile 2006, pp. 83-113.

¹³ Aires, A. Nascimento, “Virgílio, fonte de *Os Lusíadas* de Camões: Letture con Francesco Della Corte”, in *Giornate Filologiche “Francesco Della Corte”* – II, cur. F. Bertini, Génova, 2001, pp. 85-108.

versidade de Génova, por outro lado, temos tido na pessoa de Franco Montanari um interlocutor amigo para discutirmos, em 2006, problemas da constituição de um LEXICON da língua grega clássica que estamos levando a cabo e muito tem a aprender com a sua experiência neste domínio¹⁴.

O tempo não me permite referir todas as personalidades com quem temos mantido colaboração regular nem percorrer os horizontes que com elas se nos abriram: Giuseppe Billanovich, Guglielmo Cavallo, Oronzo Peccere, Valeria Bertolucci, Claudio Leonardi, Vincenzo Fera, Silvia Rizzo, Armando Petrucci, Paolo Chiesa, Paolo Mastandrea, Nicoletta Natalucci, entre outros, são nomes que não poderia deixar de trazer também a público pelo que tem significado o apoio crítico e científico que deles recebemos.

6. Ao completarmos 50 anos da revista *Euphrosyne* e 40 anos de existência do Centro de Estudos Clássicos, cuja direcção temos conduzido nas duas últimas décadas, é-me grato recordar a solidariedade sentida por parte de colaboradores transalpinos para um trabalho comum.

Interpretando consonâncias, cada vez mais se vem tornando manifesto que somos na periferia ocidental prolongamento e interlocutores de um mundo mais vasto que tem expressão alta na terra italiana, mas por vezes assume a ocidente figuras que de uma comunidade alargada no âmbito de uma cultura comum e que, na sua identidade, é reflexo de um mesmo movimento humanístico. Luciana Stegagno Picchio apontou certa vez que a cultura portuguesa, estando na periferia, é muitas vezes dependente daquilo que outros desenvolveram no centro, mas, acentuava a ilustre professora romana, às vezes acontece que o elemento aqui recebido é trabalhado e assumido sob formas próprias que chegam a

revelar com mais nitidez aquilo que passara despercebido na origem por transformação mais rápida.

É porventura difícil de documentar o contributo que personalidades portuguesas possam ter levado a terras italianas. No entanto, se nos é permitido olhar para o passado, não podemos deixar de ver com enlevo que António de Lisboa, com a formação adquirida nas nossas instituições de ensino, possa ter estado na origem de orientações de estudo mantidas na Ordem Franciscana (com a plena anuência do *Poverello* que o intitulava de *meus episcopus* e contra a tendência contemplativa que propendia para outro modo de vida conventual). A personalidade de Leone Ebreu (Leão Hebreu, em português – de nome completo Juda/Leone Abravanel), autor de *Dialoghi d'Amore* e de família portuguesa, leva-nos ao séc. XV-XVI e a momentos de exclusões de um lado e acolhimentos de outro (tendo ficado Itália com o benefício da melhor parte); outras personalidades haveria que referir neste domínio: o Cardeal D. Jaime, filho do Infante D. Pedro, duque de Coimbra, descansa em sepulcro em S. Miniatto Sotto il Monte, em Florença, depois de um exílio em terras italianas; o bispo D. Miguel da Silva – que as vicissitudes do poder obrigaram a manter-se exilado em Itália, teve aí o prestígio que lhe valeu a dedicatória de *Il Cortegiano* de Baldassar Castiglione; a Itália recolheu o erudito prelado D. Frei Fortunato de S. Boaventura, para escapar a ânimos mais acirrados no início do segundo quartel do séc. XIX e por aí deixou exemplares de obras que continuamos hoje a buscar.

Nas últimas décadas tornou-se mais visível o movimento de intercâmbio nos dois sentidos: o descobrimento de Mário de Sá Carneiro e de Fernando Pessoa, primeiro, e de autores mais recentes, como José Saramago ou António Lobo Antunes, depois, revela uma nova sensibilidade dos universitários italianos à criação literária portuguesa. António Tabucchi representa na ficção a entrada do universo lisboeta

¹⁴ Cf. *Lexicon – Dicionário de Grego-Português: Lexicografia e Semântica Lexical*, Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, 2008.

no imaginário italiano. Em Paolo Fedeli, que, em Lobo Antunes, descobre estruturas prefiguradas em Petrónio, da literatura latina, advertimos essa mesma sensibilidade; em Silvia Rizzo e Vincenzo Fera, encontrámos sintonia no modo de rever os Humanismos renascentistas em que Portugal participou em modos e em tempos diversos dos que se realizaram em Itália, embora aí tivesse estado a fonte primária.

Com Giuseppe Tavani tivemos a dita de discutir novos modos de entender a deriva dos textos e tive o grato prazer de ter sido por ele apreciado na comparação que estabeleci entre duas versões da *Navigatio Brendani*¹⁵.

Mais tarde haveríamos de aprofundar essa problemática com Giovanni Orlandi, da Universidade de Milão, em Seminário por ele organizado em Gargnano, onde, com uma dezena de investigadores do tema, nos demorámos três dias em fraterna e intensa análise sobre problemáticas dedicadas à tradição do texto¹⁶. Recordo com emoção essa figura de universitário e investigador que nos deixou há poucos dias – espero que os trabalhos dedicados à edição da *Navigatio*, em percurso largo de mais de 40 anos, venham brevemente a lume, pois são seguramente um monumento de erudição e de honestidade intelectual em que nos haveremos de rever sempre com enlevo.

Com a Escola de Roma, em que G. Cavallo animava a revista *Scrittura e Civiltà*, encontrei afinidades para abordar a análise do livro e da leitura. Com Claudio Leonardi e Paolo Chiesa, de Firenze, colaborámos, com Paulo F. Alberto, no

¹⁵ Aires A. Nascimento, “Tradição hispânica da *Navigatio Brendani*: apontamentos para a história de um texto”, *Crítica del texto*, 2/2, 1999 (real. 2000), pp. 709-734.

¹⁶ Aires A. Nascimento, “Hispanic Version of the *Navigatio Sancti Brendani*: Tradition or form of reception of a text?”, in *The Brendan Legend – Texts and Versions*, edited by Glyn S. Burgess & Clara Strijbosch, Leiden/Boston, Brill, 2006, pp. 193-220.

Projecto *Te.tra*; isso nos permitiu contribuir para revisão de posições ancilosas de figuras medievais do mundo ocidental, particularmente das que dizem mais imediatamente respeito ao território português¹⁷.

Com o Istituto Storico Italiano per il Medio Evo, e em representação da Academia Portuguesa de História, colaborámos na revisão do *Repertorium Fontium Historiae Medii Aevi*, em Projecto que, neste mês de Novembro de 2007, foi dado por concluído em cerimónia solene em Roma.

Tivemos também a honra de ser chamados a colaborar com o Centro di Studi Ciceroniani de Roma para enunciar a presença de Cícero na cultura portuguesa¹⁸.

Diversos outros foram os Colóquios a que por um motivo ou outro fomos chamados e em que foi mais o que nos foi dado aprender que o que levámos da nossa parte. Refiro apenas alguns, que para mim são emblemáticos da colaboração partilhada.

Para a didáctica das Línguas Clássica foram-me abertas em Itália portas de uma experiência rica e dinâmica, com personalidades em que deverei evocar Carlo Santini, da Universidade de Perugia, com quem partilhei reflexões no âmbito do Bureau International des Langues Classiques e a quem devo a colaboração graciosa na formação de professores das escolas portuguesas (no ano de 1991), Paolo Fedeli, da Universidade de Bari, cujo rigor científico nunca deixou de estar aliado

¹⁷ Aires A. Nascimento, “Fructuosus Bracarenis Ep.”, in *La Trasmissione dei testi latini del Medioevo – Mediaeval Latin Texts and their Transmission/Te.Tra. 2*, a cura di Paolo Chiesa e Lucia Castaldi, Firenze, SISMEL, Edizioni del Galluzzo, 2005, pp. 181-185; “Martinus Bracarenis”, in *La Trasmissione dei testi latini del Medioevo – Mediaeval Latin Texts and their Transmission/Te.Tra. 2*, pp. 440-466. “Paschasius Dumiensis”, in *La Trasmissione dei testi latini del Medioevo – Mediaeval Latin Texts and their Transmission/Te.Tra. 2*, pp. 474-481.

¹⁸ Aires A. Nascimento, “Cícero em Portugal: momentos de humanismo cívico”, in *Ciceroniana – Atti del XII Colloquium Tullianum (Salamanca, 7-9 ottobre 2004)*, Roma, 2006, pp. 99-128.

a uma grande sensibilidade pelo estudo dos textos e sua recepção nos dias de hoje, Silvana Rocca, da Universidade de Génova, a quem devo a participação em eventos de carácter pedagógico-didáctico sob o título de *Latina Didaxis*¹⁹.

Foi-me extremamente grato poder participar na homenagem que a Universidade de Génova promoveu ao Prof. Francesco Della Corte²⁰, figura eminente da vida científica italiana, que manteve desde sempre uma relação de amizade muito particular com o Centro de Estudos Clássicos e nos honrou com a sua presença na celebração do bimilenário de Virgílio²¹.

O estudo que Sofia Corradini me solicitou sobre empréstimos da língua italiana à portuguesa na linguagem do mar levou-me a outras áreas por mim menos cultivadas²². Apenas posso lamentar que limitações da minha parte, noutros casos, e condicionamentos de vária ordem não tenham permitido responder a outros interesses que Sofia Corradini cultiva e poderiam eventualmente dar frutos mais abundantes numa colaboração conjunta; não esqueço alguns dos desafios por ela lançados para o futuro.

No Projecto *Rinascimento Virtuale*, fomos parceiros num conjunto de 18 universidades europeias para a recuperação

¹⁹ Aires A. Nascimento, "À la recherche d'un canon pour aujourd'hui: les classiques de toujours pour des temps nouveaux", in *Latina Didaxis – Atti del Congresso*, a cura di Silvana Rocca, Genova e Bogliasco (14-16 Aprile 2000), Génova, Compagnia dei Librai, 2000, pp. 59-85.

²⁰ "Virgílio, fonte de *Os Lusíadas* de Camões: Letture con Francesco Della Corte", in *Giornate Filologiche "Francesco Della Corte" – II*, cur. F. Bertini, Génova, 2001, pp. 85-108.

²¹ Cf. *Virgílio e a cultura portuguesa – Actas do bimilenário da morte de Virgílio – Lisboa*, 1981, Lisboa, IN-CM, 1986, pp. 171-190.

²² Aires A. Nascimento, "Dizer o mar em português: da emoção ao empréstimo linguístico", in *Giornate di Studio di Lessicografia Romanza – Il linguaggio scientifico e técnico (medico, botânico, farmacêutico e náutico) fra Medioevo e Rinascimento* (Atti del Convegno internazionale – Pisa, 7-8 novembre 2003), cur. M. Sofia Corradini e Blanca Perinán, Pisa, 2007, ETS, pp. 143-171.

de palimpsestos; teve em Itália momentos altos de aplicação de metodologias inovadoras: a reflectografia multispectral, desenvolvida por uma empresa bolonhesa (Fotoscientifica) levou-nos a demonstrações nunca imaginadas, como o da releitura do manuscrito grego da Biblioteca Nazionale de Turim, totalmente queimado no início do século XX e agora recuperado em modo plenamente legível.

No seguimento desta iniciativa, com Andrea Bozzi, nosso amigo de outros momentos, tive oportunidade de verificar que o projecto que temos levado a cabo (LECTIO, nomeadamente) poderia ter continuidade num plano de trabalho em que a análise de texto fosse acompanhada pela associação de imagem (na exploração do documento digitalizado).

7. Enfim, tentei abarcar aquilo de que fui mais directamente parte. Com isso pretendi sobretudo deixar testemunho de anos a fio, em agradável e profícuo trabalho científico irmanado em descobrir uma cultura humanística de que a Itália é bem um símbolo falante. Tenho a honra de ter comigo companheiros de longa caminhada e alegra-me saber que eles entendem o percurso feito e lhe darão continuidade.

Neste momento, agradeço às entidades oficiais a oportunidade que nos deram de, no quadro dos acordos de colaboração entre Portugal e Itália, abrir portas que serviram aos investigadores do Centro de Estudos Clássicos. Pessoalmente, dou-me por feliz por ter tido a oportunidade de, com personalidades de excelência, aprender a excelência da amizade que sabe abrir os caminhos da cultura e da ciência.

Ao Senhor Embaixador de Itália e aos representantes do CNR, de Itália, ao GRICES/FCT de Portugal, às Universidades italianas e à minha Universidade de Lisboa (que nesta Jornada será representada, ainda que brevemente, pelo próprio Reitor), agradeço as oportunidades que nos facultaram para nos sentirmos mais realizados na nossa missão de investigadores e de servidores da cultura, na nossa correspon-

bilidade de portadores de uma *humanitas* que, sendo universal, tem concretizações particulares. Se a *amicitia* era já para Cícero o fundamento da vida colectiva, o afecto que as relações de trabalho científico têm proporcionado dá razão a este encontro e é motivo para novos empreendimentos. Saúdo com particular respeito o Prof. Tullio Gregory pelo que é a sua personalidade de grande homem de cultura; a visita que se propõe fazer amanhã ao Centro de Estudos Clássicos será certamente motivo de estudo de novas oportunidades de colaboração; investigadores atentos ao que tem desenvolvido ao longo de mais de meio século, o esperam com a mesma abertura com que hoje o vieram ouvir nesta Jornada em que celebramos a cooperação científica desenvolvida com outros em anos passados. É mais um acto de reconhecimento de quanto temos recebido. É também um acto de homenagem a quanto está feito e a expressão de muito mais que esperamos fazer para bem de uma comunidade textual que nos legitima e nos dá confiança para continuarmos irmanados em objectivos comuns.

O enquadramento da Embaixada Italiana em Portugal e a gentileza de Sua Excelência o Senhor Embaixador coram com um ar de nobreza os nossos gestos de colaboração e de amizade. A presença do Magnífico Reitor da Universidade de Lisboa nesta manhã de trabalho permite-nos garantir que não inscrevemos na água esses nossos gestos, mas são acolhidos para serem gravados em bronze, como propunha o venosino Horácio.

RIASSUNTO

La Giornata celebrata all'Ambasciata Italiana, a Lisbona, il 21 Novembre 2007, sotto gli auspici del CNR-Italia e GRICES-Portogallo, ha offerto l'occasione di presentare al pubblico le attività scientifiche sviluppate tra le istituzioni universitarie dei

due paesi. A nome del Centro di Studi Classici dell'Università di Lisbona, faccio un bilancio di queste attività tenute insieme con l'Istituto di Linguistica Computazionale, ma anche con altre istituzioni e altre personalità del mondo accademico e scientifico. Durante secoli, i rapporti culturali fra Portogallo e Italia sono stati non solo continui e regolari, ma anche eccellenti nell'ambito di una comunità culturale che ha nei testi la base strumentale e nell'umanesimo un valore fondamentale. L'Italia fa normalmente la *fata madrina* che precede nel tempo e attira gli studiosi portoghesi ad una cultura raffinata all'interno di una circolazione fruttuosa di persone e di valori, sotto la base di confidenza e di comprensione reciproca. Il Portogallo ha apportato dei contributi di rilievo e ha anche accolto delle attività di diversa natura. Molti fatti lo attestano per il passato soprattutto al tempo del Rinascimento, quando l'intercambio di persone e di beni si fa sentire più. Negli ultimi anni si sono moltiplicati i contatti fra istituzioni scientifiche e universitarie, i quali possono essere descritti a diversi livelli: costituzione di progetti comuni, collaborazione ad iniziative scientifiche, appoggio al lavoro individuale e collettivo, assistenza tecnica e critica, comunicazione e pubblicazione di risultati. Al momento di festeggiare il 50.º anniversario della rivista *Euphrosyne* e del 40.º anniversario del Centro di Studi Classici dell'Università di Lisbona possiamo fare un bilancio molto positivo e favorevole degli risultati ottenuti a partire da contatti e rapporti con istituzioni e personalità italiane. La più formale è con il Istituto di Linguistica Computazionale di Pisa (mediante gli accordi bilaterali CNR/GRICES): essa ha permesso di lavorare al trattamento di testi con tecnologia informatica e di arrivare a una piattaforma più o meno automatica di analisi (grafica, morfossintattica e lessicale) e di recupero contestuale (per concordanze lemmatizzate). Anche altri contatti, meno formali, che devono essere menzionati, si riferiscono a diverse istituzioni e personalità universitarie (soprattutto a Bari, a Roma-Sapienza, a Roma-Torre Vergata, a Pisa, a Milano, a Firenze, a Monte Cassino, alla SISMEL, etc.). Gli ultimi trenta anni sono stati fecondi per gli studi filologici, letterari e

linguistici delle due parti: l'esperienza italiana ha messo in luce nuovi campi di lavoro e ha impegnato i ricercatori a trovare soluzioni per problemi nuovi. La riflessione portoghese ha fornito nuovi modi di letture e di attività coordinata. Insieme, noi abbiamo coscienza d'avere partecipato ad un movimento comune di lavoro scientifico che ci identifica come ricercatori universitari, particolarmente per quanto riguarda il settore filologico, e che ci consente di far fronte ai nuovi tempi e alle sfide della ricerca e dell'innovazione. La Giornata tenuta all'Ambasciata d'Italia a Lisbona, nel momento in cui il Portogallo occupa la Presidenza dell'Unione Europea, ha voluto celebrare una collaborazione regolare e intensa delle due ultime decadi e si configura come un augurio a continuare a approfondire dei rapporti per il lavoro scientifico, particolarmente rivolto alla coniugazione della filologia con le nuove scienze informatiche.

Lisbona, il 21 novembre 2007.